

Projeto: Entre a Casa, as Ruas e as Instituições: crianças e adolescentes em situação de rua e as instituições de acolhimento no estado do Rio de Janeiro

Levantamento da Produção Acadêmica sobre Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (2000-2019)

Coordenação: Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

Ficha

1) Referência – NASCIMENTO, Maria Livia do; COUTINHO, Ana Paula Cardoso; SÁ, Daniele Amaral. Análises de produções escritas sobre abrigos para crianças e adolescentes. Pesquisas e Práticas Psicossociais (São João Del-Rei), 5, pp. 104-111, Jan.-Jul. 2010.

2) Resumo e Palavras-Chave – O artigo traz algumas análises feitas a partir de uma pesquisa bibliográfica que teve como objetivo discutir as diferentes instituições que atravessam as produções acadêmicas sobre abrigo de crianças e jovens. Para tanto, foi realizado levantamento de textos (livros, artigos, dissertações e teses), material que possibilitou a explicitação de alguns analisadores, dentre os quais três foram escolhidos para debates mais aprofundados no presente artigo: “Ditos do ECA e cotidiano dos abrigos”, “Rede de proteção a crianças e adolescentes” e “Estigma institucional”. Esses analisadores possibilitaram problematizar os discursos/práticas construídos a respeito dos abrigos e os efeitos dessa construção.

Palavras-chave: abrigo; infância; pesquisa bibliográfica; subjetividade

3) Objetivo do estudo – Analisar as diferentes instituições que atravessam as produções acadêmicas sobre abrigo de crianças e jovens.

4) Tipo de pesquisa – Bibliográfica

5) Período da pesquisa – A pesquisa foi iniciada no ano de 2007.

6) Forma de coleta de dados – Foi realizado levantamento de textos (livros, artigos, dissertações e teses).

7) Forma de análise dos dados produzidos/referencial teórico – O levantamento do material, sua concomitante leitura e discussões possibilitaram a explicitação de alguns analisadores, a saber: 1) reinserção familiar; 2) equipe profissional: descrição e características, prática profissional; 3) rede de proteção a crianças e adolescentes; 4) formas de desligamento; 5) descrição e características dos abrigados; 6) família: descrição, características, problematização, concepções; 7) ditos do ECA e cotidiano dos abrigos; 8) visão dos abrigados; 9) estigma institucional, 10) motivos de entrada no abrigo; 11) problematização ou crítica às diretrizes do ECA.

Durante o processo de levantamento dos analisadores, foi possível fazer escolhas dentre aqueles que mais se destacavam nos textos pesquisados, quer seja pela frequência com que apareciam ou por sua potência como dispositivos de problematização de processos instituídos e verdades cristalizadas. Assim sendo, o movimento produzido pelos textos pesquisados colocou em destaque alguns analisadores. Ou seja, alguns deles foram ganhando força e possibilitando questionamentos mais intensos sobre a instituição abrigo. São eles: 1) Ditos do ECA e cotidiano dos abrigos; 2) Rede de proteção a crianças e adolescentes; e 3) Estigma institucional. Por sua importância no plano de forças constitutivas do cenário dos abrigos, esses três destaques passaram a orientar as análises de forma mais sistemática e, por isso, são apresentados neste artigo.

8) Resultados/dados produzidos – A disparidade frequentemente apontada por alguns dos autores lidos entre a proposta do sistema de abrigo idealizado pelo ECA, que em 1990 apresentava-se como inovadora e até mesmo pretensiosamente salvadora e libertadora, e as reais práticas que ocorrem pode ser aqui colocada em análise. O mecanismo de proteção trazido pelo Estatuto não deveria ser considerado de forma imediatista como a solução de um problema, mas como uma ferramenta de suporte às intervenções junto a crianças e adolescentes. Poderia ser pensado como parte de uma engrenagem, de um contínuo movimento criador, de um jogo de forças que, algumas vezes, pode ser capturado por linhas que afirmam a antiga lógica assistencial e compensatória e, em outras, surpreende com o desenrolar de práticas variadas, indicando novos caminhos. A necessidade de afirmar verdades supostamente universais ou criar saberes que ousam cristalizar-se impede a visualização dos movimentos que dão formas temporárias aos modos de existência. Tomar o abrigo como algo natural, quando ele se apresenta apenas como mais uma construção e um agrupamento de certas práticas em favor da proteção da criança e do adolescente, pode impedir o agenciamento de novos fluxos aliados ao fortalecimento da vida. São os discursos/práticas que dão forma à instituição abrigo, pois essa não existe fora de uma relação de forças. É nesse sentido que nossa pesquisa buscou salientar, algumas paisagens que estão se formando. Embora ela não tenha envolvido trabalho de campo, visita aos espaços de abrigo ou qualquer participação no interior desses estabelecimentos, não deixa de se configurar como uma importante intervenção. A partir das análises das produções escritas sobre práticas de abrigo e institucionalização de crianças e jovens, um olhar aberto às multiplicidades foi sendo construído coletivamente. Os lugares, conceitos e territórios, até então bem definidos e tomados como naturais, foram sendo desmontados e perdendo a concretude, transitando por outros sentidos e fluxos.

9) Recomendações –

10) Observações e destaques – o artigo traz análises baseadas na pesquisa Cenários dos Abrigos no Brasil: uma leitura a partir de produções acadêmicas, vinculada ao Programa de Intervenção voltado às engrenagens e territórios de exclusão social (PIVETES), grupo de trabalho que analisa questões referentes à infância e juventude pobres, a seus direitos e às chamadas políticas de proteção e assistência a elas dirigidas.

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.